

IDENTIDADES GRÁFICAS NOS REGISTROS RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ, BRASIL

Anne-Marie Pessis¹

Daniela Cisneiros²

Demétrio Mutzenberg²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar, de forma sucinta, os principais marcadores que permitiram segregar identidades gráficas no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Foi dada ênfase particularmente à distribuição espacial dessas identidades rupestres em unidades ambientais delimitadas para o Parque. Integrar os componentes básicos de identidade das diferentes classes de grafismos rupestres numa distribuição espacial permitiu estabelecer as áreas de presença de cada classe gráfica e sua posição nas vertentes, tendo em consideração os divisores d'água. **Palavras-chaves:** Registros Rupestres, Parque nacional Serra da Capivara, Identidades Gráficas.

Abstract: This research aims to present, briefly, the main markers that allowed segregating graphic identities in the Serra da Capivara National Park, Piauí, Brazil. The spatial distribution of these graphic identities in environmental units defined for the Park was particularly emphasized. Integrating the key components of the identity related to different rock paintings classes into a spatial distribution, allowed to establish the presence areas of each graphic class and their position in the slopes, taking into account the water dividers. **Keywords:** Rock art, Serra da Capivara National Park, Graphic Identity

¹ Fundação Museu do Homem Americano – Fumdhm; Programa de Pós Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

² Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Fundação Museu do Homem Americano – Fumdhm;

Introdução

Na região sudeste do Estado do Piauí existe uma densa concentração de abrigos sob rocha que contêm uma grande diversidade de vestígios arqueológicos. Entre eles, se destacam pinturas e gravuras rupestres pré-históricas realizadas nas paredes dos sítios arqueológicos, no decorrer de milênios. As primeiras descobertas arqueológicas na região datam da década de 1970 e permitiram constatar o elevado número e a diversidade de figuras rupestres existentes. Esta riqueza gráfica determinou a criação da unidade de conservação do Parque Nacional Serra da Capivara, com a finalidade de conseguir as condições de segurança necessárias a esse patrimônio arqueológico³ (Figura 1).

A proposta inicial apresentada para a criação do Parque Nacional Serra da Capivara abrangia uma área muito maior da que foi aprovada pelo governo brasileiro. Ela incluía os 130.000 ha da Serra da Capivara, os 500.000 ha da Serra das Confusões e um corredor ecológico que ligaria as duas serras, o que permitiria a criação de uma unidade com o tamanho que, na atualidade, se recomenda para essas unidades de conservação. Embora as terras envolvidas na proposta fossem terras devolutas, o governo federal achou conveniente limitar o Parque Nacional à superfície da Serra da Capivara.

A criação do Parque ocorreu em 1979, mas sua implantação aconteceria apenas dez anos depois, período durante o qual o território da unidade de conservação ficou sem vigilância tornando-se presa fácil da depredação. As espécies nobres da vegetação que formavam as florestas de grande porte foram desmatadas e as madeiras de lei comercializadas. A fauna passou também a sofrer a caça indiscriminada o que contribuiu a criar um grande desequilíbrio ecológico na região. Em face desta situação os pesquisadores da Fundação Museu do Homem

³ O Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no sudeste do estado do Piauí, nordeste do Brasil, ocupa áreas dos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí. As descobertas dos sítios arqueológicos foram realizadas por uma missão interdisciplinar de cooperação científica franco-brasileira dirigida por Niède Guidon. À sua liderança deve-se a criação do Parque Nacional Serra da Capivara e a conservação e divulgação da unidade de conservação. Os pesquisadores da Missão Franco Brasileira criaram a Fundação Museu do Homem Americano destinada a documentar, pesquisar e proteger o patrimônio arqueológico. O Parque Nacional Serra da Capivara foi inscrito na Lista do Patrimônio Cultural pela Unesco, em 1991.

Americano (Fumdam) decidiram assumir a tarefa de dar início à implantação do Parque Nacional Serra da Capivara. Assumiram também a responsabilidade de documentar, proteger e pesquisar os sítios arqueológicos, em especial, os que abrigam pinturas e gravuras rupestres pré-históricas.

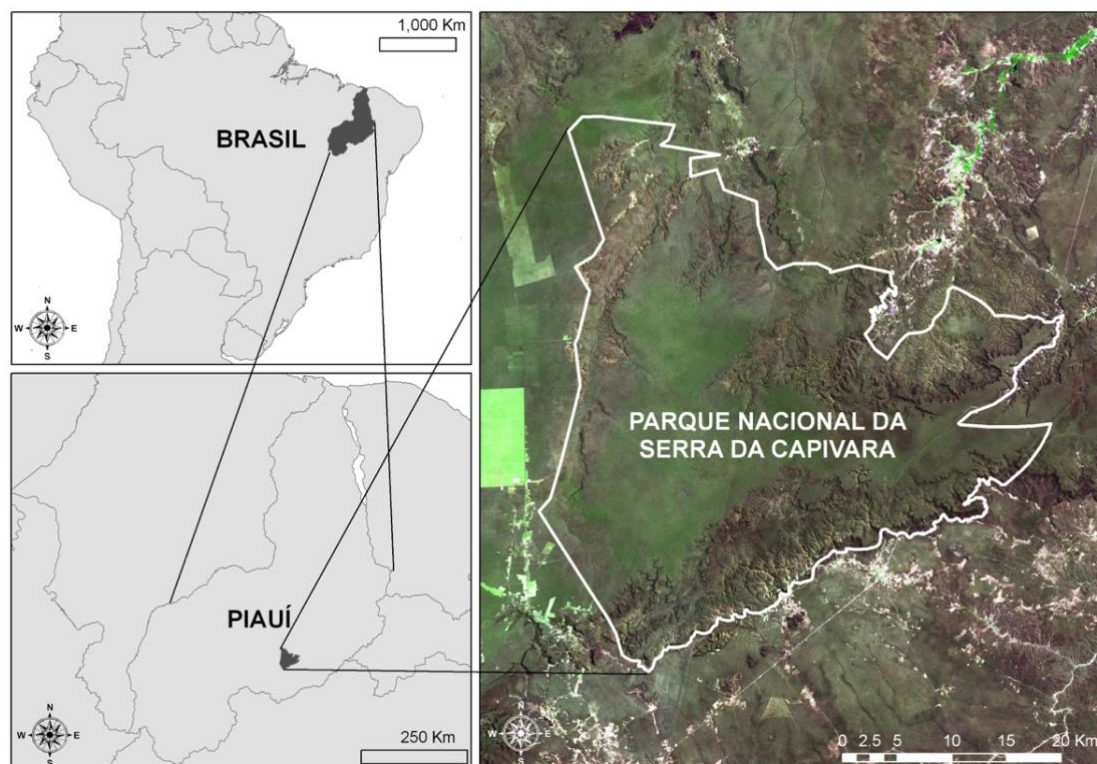


Figura 1: Mapa de localização do Parque nacional Serra da Capivara. Fonte: Fumdam.

Parque Nacional Serra da Capivara

Na região, existe uma fronteira geológica marcada por uma escarpa, o *front* de uma *cuesta*, que separa a Província Sedimentar do Parnaíba, marcada na região por rochas de idade paleozoica; da Província Borborema, constituída, sobretudo, por rochas metamórficas e ígneas do Proterozoico. No Mesozoico, um movimento tectônico soergueu o fundo do mar que ocupava a região no Devoniano e deu origem a um relevo que foi modelado pela ação da água

e dos ventos, configurando vales e boqueirões estreitos, assim como vales largos que deram forma a desfiladeiros que abrem passagens pela serra (Mutzenberg et al., 2015) (Figura 2).

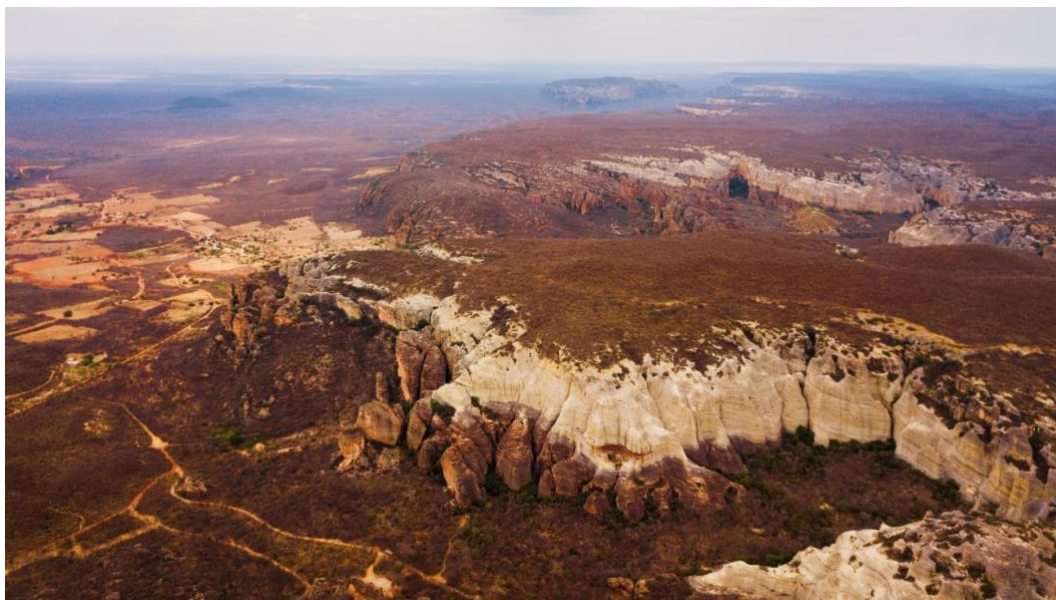


Figura 2: Vista do Boqueirão da Pedra Furada. Destaque para a drenagem obsequente que disseca o front da *cuesta* até a depressão subsequente. Foto: Demétrio Mutzenberg.

A área é caracterizada por um planalto de litologia sedimentar formado por camadas de arenitos, siltitos, folhelhos e conglomerados. A superfície do topo do planalto, o reverso da *cuesta*, situa-se por volta dos 600 m de altitude, constituindo um divisor de águas das drenagens do Parque. A área do Parque pode ser subdividida em três unidades ambientais distintas (Figura 3), nas quais se encontram sítios com grafismos rupestres com perfis gráficos distintos:

Unidade 1 - Drenagens do *front da cuesta*

O *front da cuesta*, localizado ao longo do limite sul-sudeste do Parque Nacional Serra da Capivara apresenta-se recuado e dissecado pela ação de drenagens que correm para sul. Em algumas áreas, como no Boqueirão da Pedra Furada, a dissecação fluvial resultou na formação de cânions. Esta unidade abrange cerca de 550 Km² e sua litologia predominante é de arenitos e conglomerados.

Sua área de exposição está representada principalmente pela faixa de direção NE-SW que delimita o *front da cuesta*.

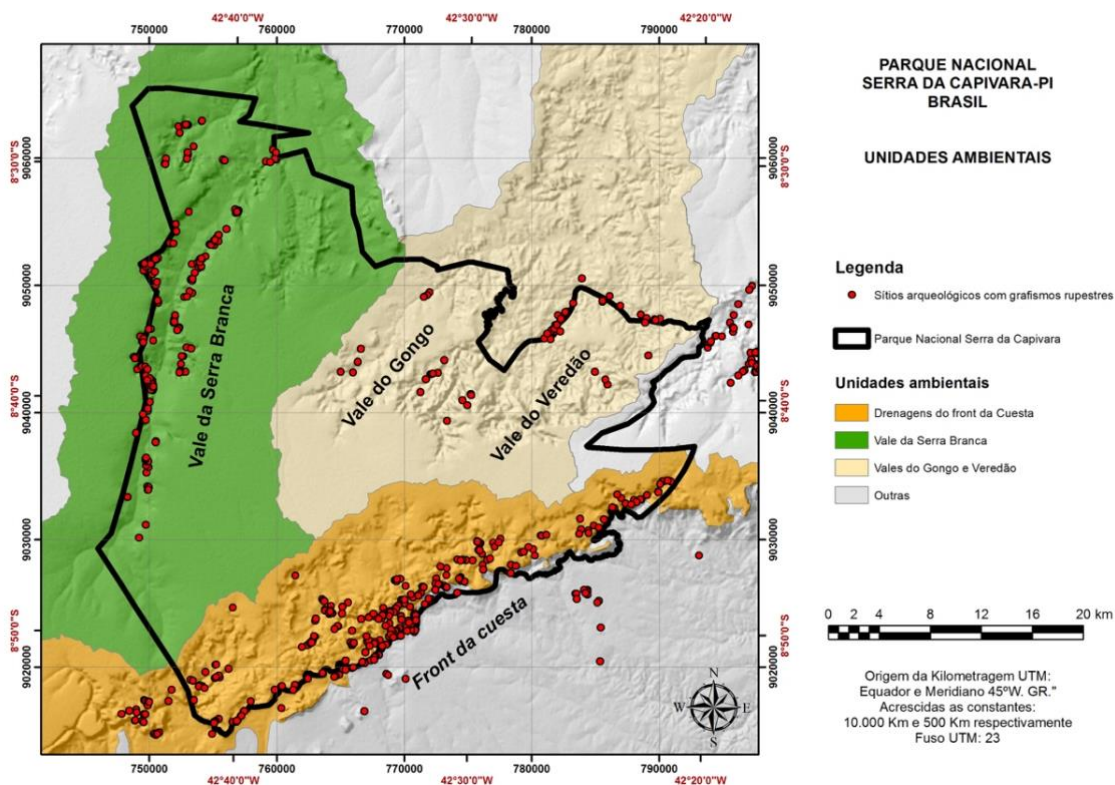


Figura 3: Mapa com a distribuição dos sítios arqueológicos com registros rupestres. Fonte: Fumdamham.

Unidade 2 - Vale da Serra Branca

O Vale da Serra Branca está localizado na seção oeste do Parque Nacional Serra da Capivara. É formado pela dissecação no reverso da *cuesta* causada por uma drenagem consequente assentada sobre falhas, em um patamar estrutural. A drenagem principal corre em direção norte por cerca de 43 Km até atingir uma área onde o relevo se torna mais suave. Este vale tem cerca de 950 Km² de área e seus sítios arqueológicos estão assentados sobre arenitos de granulação fina a média.

Unidade 3 - Vales do Gongo e Veredão

Os Vales do Gongo e Veredão são caracterizados por uma série de pequenas drenagens que dissecaram fortemente o relevo do setor nordeste do Parque Nacional Serra da Capivara. Trata-se de uma região que apresenta afloramentos rochosos expostos. A área drenada por essa unidade ambiental é de 470 Km².

O Parque Nacional encontra-se atualmente sob o domínio do clima semiárido. O rio Piauí, principal drenagem da região é afluente do rio Parnaíba e tem regime intermitente, apresentando episódios torrenciais com escoamento temporário apenas durante a estação

chuvosa. Na área do Parque, não existem rios permanentes, com as drenagens permanecendo secas durante praticamente o ano inteiro. O regime pluviométrico caracteriza-se pela intensa irregularidade interanual, com precipitação de cerca de 650 mm anuais. No topo da chapada arenítica, somente algumas fontes, os chamados olhos d'água, gotejam o ano todo no sopé das paredes dos cânions.

No entanto, pesquisas indicam que, entre a Transição Pleistoceno/Holoceno e o Holoceno Médio (12000 a 5000 anos B.P.), o clima da região era bem mais úmido que o clima semiárido atual. Comportava uma rede hidrológica que transportava grandes volumes de água determinando uma paisagem exuberante e uma vegetação e fauna adequadas a essas condições climáticas. Existem ainda, nessa área, reservas aquíferas importantes como os aquíferos da Serra Grande e de Cabeças que comportam uma grande quantidade de água subterrânea, uma das maiores do país. No entanto, devido ao baixo volume de chuvas atuais, a renovação desses aquíferos é particularmente baixa. Há 5.000 anos as características do clima semiárido de hoje estão configuradas assim como suas consequências na paisagem, na vegetação e na transformação das espécies melhor adaptadas. Apesar do processo de desertificação contínua que assola a região do Nordeste do Brasil, existem ainda remanescentes de espécies do cerrado que permanecem em áreas protegidas como os cânions.

Registros Rupestres

Depois de três décadas de trabalho no Parque Nacional em que, para a conservação dos sítios arqueológicos foram abertas vias de acesso, caminhos e estradas, a descoberta de novos abrigos sob rocha com pinturas e gravuras é uma constante que enriquece o inventário e a documentação da prática rupestre na região. O número de novos sítios com pinturas e gravuras rupestres aumenta a cada ano na medida em que se diversifica a pesquisa e se trabalha em novos setores do Parque Nacional.

Para a reconstituição da pré-história da região, os registros gráficos rupestres são vestígios que fornecem informações sobre a diversidade da cultura material e imaterial dos grupos humanos que a habitaram. A cultura material constituída pelos desenhos e as gravuras realizadas sobre suportes rochosos dão informações sobre as escolhas e as soluções técnicas criadas para

representar graficamente os conteúdos imagéticos. É também, o suporte da dimensão imaterial da cultura evocada pela temática tratada, pelo representado pelas figuras e pelos múltiplos significados que, no decorrer do tempo, estes registros tiveram para seus autores.

A documentação dos sítios e das pinturas e gravuras rupestres foi uma das atividades privilegiadas desde o início das pesquisas na região (Guidon, 1991). As técnicas clássicas de documentação dos registros rupestres que foram inicialmente utilizadas, evoluíram nas últimas décadas, das cópias feitas em plástico às mais modernas formas de registro gráfico tridimensional informatizado. Novas perspectivas para o registro e preservação do acervo rupestre são atualmente aplicadas nos sítios de registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara (Pessis et. al. 2014). Nele, foi implantada uma base de dados georreferenciada, integrada em um Sistema de Informações Geográficas (SIG) para sítios arqueológicos com pinturas rupestres, através da elaboração de modelos tridimensionais digitais híbridos de painéis rupestres. A conservação do Patrimônio do Parque Nacional foi fator determinante para dar início à documentação espacial e digital dos sítios arqueológicos com pinturas rupestres. A documentação gráfica com precisão micrométrica é um instrumento de avaliação da evolução das patologias geológicas, hidrológicas e microbiológicas, permitindo contar com um novo sistema de monitoramento dos sítios e dos registros gráficos rupestres.

Identidades gráficas

A maior parte das pinturas rupestres do Parque Nacional apresenta características gráficas essenciais que permitem ao observador reconhecer elementos do mundo sensível (Pessis, 2003). Ao contrário, as gravuras rupestres entalhadas nas paredes dos abrigos sob rocha ou feitas sobre afloramentos rochosos, na sua maior parte, não apresentam traços de identificação que permitam um reconhecimento.

Esta diferença cognitiva a favor das pinturas determinou que fossem elas pesquisadas prioritariamente, por facilitar o acesso ao conhecimento da vida em épocas pré-históricas. No entanto, as pinturas rupestres devem ser observadas com um olhar fundamentado que permita ir além do mostrado. O ponto de partida desse procedimento é considerá-las como a manifestação de modos de comunicação de grupos culturais, considerando que cada

comunidade tem seu próprio modo de comunicação o que lhe permite reconhecer os códigos imagéticos que lhes são próprios.

Para descobrir as especificidades dos modos de comunicação existem diferentes procedimentos, um deles é identificar o que representam as figuras ou as cenas desenhadas: as características temáticas e técnicas. Descobrir como os grupos apresentam-se graficamente é uma forma de identificá-los pela sua diversidade. As posturas, os gestos, os ritmos, a disposição das figuras sobre o plano para representar a relação espacial de profundidade são alguns dos componentes que podem reconstituir a ação representada. A observação sistemática das figuras pintadas leva à consideração de cada detalhe para atingir as particularidades da identidade.

A identidade cultural na pesquisa pré-histórica é um conceito que se traduz no coletivo geral, como sendo o conjunto de elementos característicos pelos quais ela pode ser conhecida e diferenciada de outras identidades culturais. Num plano mais particular, no subcoletivo, existem semelhanças com os elementos caracterizadores da identidade coletiva, mas também existem outros elementos de diversidade, mais particulares e próprios que são diferentes da identidade cultural. Mas quando as diferenças se manifestam num mesmo espaço, mas a diversidade é dominante, pode-se conjecturar a hipótese de que se trate de outra identidade cultural.

No caso de identidades culturais pré-históricas, trata-se com vestígios gráficos que se conservam num espaço determinado. Para entender a dinâmica da evolução das diferentes identidades gráficas é necessário, além das variáveis espaciais integrar, também, as variáveis temporais. Os caracterizadores das identidades culturais pré-históricas são de natureza material tais como produtos manufaturados, estruturas materiais, pinturas e gravuras rupestres, mas são também de natureza não material, tais como as práticas sociais e rituais, conhecimentos sobre a natureza e procedimentos de realização técnica. Estes são segregados a partir do estudo das diferentes etapas das cadeias operatórias, o que exige não apenas o registro das características descritivas, mas a reconstituição da sucessão dos gestos técnicos da manufatura.

No Parque Nacional, as pinturas dos sítios arqueológicos são muito diversificadas na temática, nas técnicas de realização e na maneira como estão dispostas as figuras nas superfícies rochosas (Pessis, 1992; Guidon, 2007; Martin, 2010). Mas as pesquisas confirmaram que as obras gráficas foram realizadas em épocas e por grupos culturais diferentes, são os vestígios gráficos que restaram de uma prática milenar. O objetivo operacional da pesquisa sobre este acervo gráfico é segregar as identidades culturais e suas transformações num espaço determinado e posicioná-las no tempo.

A identificação de identidades gráficas depende da integridade dos grafismos na mancha gráfica. A longevidade das pinturas em um painel depende do agenciamento de vários elementos estruturadores do suporte como composição, porosidade, permeabilidade da rocha e das condições do ambiente onde este se localiza. Os sítios arqueológicos passam por um processo contínuo e dinâmico e as pinturas rupestres estão também sujeitas a esse processo.

Os sítios arqueológicos são hoje o resultado de um longo processo de degradação que determina seu estado atual de conservação. Num sítio arqueológico com pinturas rupestres realizadas em momentos diferentes e localizadas em diversos pontos da parede existirão também graus diferenciados de conservação das pinturas.

O estado de conservação se dará em função da natureza dos agentes naturais que agiram sobre algumas delas, dos procedimentos da preparação das tintas e da exposição das pinturas face aos agentes de degradação. São vestígios de registros rupestres que constituem um produto final, realizado por diferentes mãos, no decorrer de muitas gerações. Desde o início da pesquisa é necessário estimar o impacto dos agentes de degradação como fase prévia à documentação das pinturas e do sítio. Estas informações minuciosas deverão também ser tratadas como parte do contexto, assim como no processo de extração de amostras para as análises físico químicas que se pretenda realizar.

Análise e Discussão

No início da pesquisa as atividades se centraram nos principais vales, vias de acesso e desfiladeiros do *front de cuesta* da Serra da Capivara e no vale da Serra Branca. A parte norte do Parque assim como o reverso sedimentar da *cuesta* foram setores postergados. As

dificuldades de acesso, pela ausência de estradas, determinaram apenas deslocamentos pedestres. O sopé da Serra podia ser atingido de carro a partir de onde se iniciava a subida para atingir os sítios arqueológicos. Foi uma época de prospecção contínua, de registro dos sítios e de preparo das primeiras documentações imagéticas.

Com base nesses primeiros dados foi que se propuseram as classificações preliminares baseadas fundamentalmente em critérios de reconhecimento acessíveis para qualquer observador. A maior parte das figuras pintadas sobre as rochas é reconhecível, sendo possível identificar figuras antropomórficas e outras espécies animais assim como representações minoritárias de plantas e de objetos.

Em termos gerais, o conjunto das figuras descobertas apresentava uma técnica de realização aprimorada refletindo uma capacidade pictórica e um domínio dos procedimentos gráficos e técnicos. Além dessas características o mais impactante do acervo gráfico era o grande número de composições gráficas representando cenas da vida cotidiana e cerimonial com temáticas reconhecíveis. Este conjunto de características de caráter geral destaca-se de todo um conjunto de outras imagens com traços diversos misturados e se apresenta como o produto final de centenas de séculos da prática gráfica. Os critérios utilizados na classe definida inicialmente foram de natureza muito geral. Esta classe preliminar foi designada como Tradição Nordeste, com presença dominante em toda a região do Parque Nacional, abrangendo uma faixa cronológica que se situa entre 15000 anos e 6000 anos B.P. Esta classe preliminar está também presente em toda a região Nordeste do Brasil, mas os indícios arqueológicos sugerem que sua origem se encontraria na região do Parque Nacional Serra da Capivara.

Datar as tintas com que foram realizadas as pinturas rupestres é uma tarefa muito difícil porque a maior parte delas foi realizada com matérias-primas de origem mineral. Naquelas que foram também feitas com componentes de origem animal ou vegetal, na maior parte dos casos, as quantidades são insuficientes para obter resultados confiáveis, ainda sem contar com os outros fatores da degradação, pátinas, poeira, intrusões de elementos superpostos às pinturas depois de sua manufatura.

Físicos e químicos trabalham procurando novos métodos para viabilizar datações diretas, mas ainda é cedo para apresentar resultados confiáveis (Pessis, Guidon, 2009). É por esta razão que, para cada caso, os arqueólogos multiplicam a aplicação de procedimentos diferentes para ir construindo uma posição cronológica do grafismo estudado, através de convergência de resultados. Não existe apenas uma datação para ter confiabilidade, existe um conjunto de resultados de técnicas diferentes capazes de posicionar, no tempo, a pintura estudada.

Dois outros procedimentos permitem uma aproximação cronológica também utilizável. Com frequência, acontecem desprendimentos de placas ou fragmentos das paredes que fazem parte de uma figura pintada. Caem sobre o sedimento e com o tempo ficam recobertos pelos processos de sedimentação. No curso de escavações realizadas face às paredes pintadas dos sítios, as placas com figuras pintadas aparecem em posição definida na estratigrafia. Datando a camada estratigráfica correspondente, data-se também a idade do vestígio gráfico nela existente. Esse tipo de datação fornece uma idade mínima para os grafismos rupestres, já que esses podem ter sido realizados antes do seu deslocamento e posterior soterramento.

Finalmente deve-se mencionar o procedimento, ainda válido, utilizado desde o início dos estudos das pinturas rupestres quando duas figuras pintadas estão em relação de superposição parcial. A análise da superposição fornece a certeza da ordem de precedência da realização das figuras, permitindo segregar camadas de superposição gráfica.

Nas figuras da classe preliminar, a Tradição Nordeste, foi possível identificar dois grupos de figuras que apresentam as características gerais da tradição, junto com a presença de outros atributos específicos que marcam sua diversidade. As propriedades específicas desses dois grupos de figuras deram lugar a duas classes estilísticas da Tradição Nordeste. A primeira, a mais antiga, leva o nome do Parque Nacional, **Estilo Serra da Capivara** e está representada na maior parte dos sítios arqueológicos com pinturas rupestres.

Está concentrada sobretudo nos sítios localizados nas **Drenagens do front de cuesta (Unidade 1)** e nos dois lados dos vales largos e dos boqueirões. Existem evidências arqueológicas que permitem afirmar que é o estilo mais antigo da região do Parque Nacional (Pessis, 1992, 2003). São figuras reconhecíveis, desenhadas com simplicidade, apenas com os traços essenciais de identificação, traços estes necessários para o reconhecimento da figura (Figuras 4 e 5).



Figura 4: Toca da Entrada do Pajau. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Demétrio Mutzenberg.



Figura 5: Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Banco de Imagens da Fumdham.

Ocasionalmente observa-se a presença de figuras que apresentam atributos culturais, estão sobriamente ornadas com máscaras que recobrem o corpo deixando expostas as pernas ou portam cocares. Apresentam-se com a gestualidade e a postura que compõem as fases de movimentos corporais. Isto se traduz numa dinâmica vital de conjunto que transmite alegria e atividade lúdica. Gestos e postura correspondem ao momento máximo da postura em relação à posição de repouso. Também há figuras de objetos e de árvores. Apenas alguns raros grafismos não reconhecidos configurando dígitos ou tridígitos aparecem junto a algumas figuras emblemáticas⁴.

São numerosas as composições de grafismos com os vértices arredondados que configuram cenas com temas dinâmicos de dança, de saltos, de roda em volta de uma árvore, de rituais cerimoniais, de coleta de mel, de cópula e de caça.

A diversidade do Estilo Serra da Capivara se manifesta também no tratamento que se dá à apresentação da distância entre as figuras, representando a profundidade da cena retratada. Os grafismos estão dispostos sobre planos horizontais, verticais e oblíquos, agenciados segundo soluções técnicas, próprias de cada identidade gráfica (Figura 6). Quando se trata de uma cena é preciso identificar a área nuclear da ação, para obter as informações básicas que fundamentem a identificação da temática representada. Existe uma ampla diversidade de procedimentos gráficos de tratamento do espaço utilizados para a construção de códigos imagéticos.

⁴Grafismos emblemáticos podem ser compreendidos como grafismos de composição cênica ou ação, cujo caráter hermético, impossibilita de identificar o sentido da mensagem. A reiterada presença dessas composições gráficas nas que apenas se percebem posturas e gestos constituem marcadores emblemáticos padronizados que se tornam instrumentos de caracterização cultural da narrativa imagética.



Figura 6: Toca da Subida da Serrinha. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Banco de Imagens da Fumdam.

A segunda classe estilística da Tradição Nordeste é a **Serra Branca** localizada predominantemente na região do **Vale da Serra Branca (Unidade 2)** e situada cronologicamente em torno de 9000 anos B.P., segundo sugerem resultados das pesquisas arqueológicas (Pessis, 2003). Nos sítios estudados constata-se a presença de grafismos com as características do Estilo Serra da Capivara, mas com atributos que os diferenciam, apesar de se enquadrarem nas características da Tradição Nordeste. Existe uma diversificação pela introdução de novos componentes, são figuras antropomórficas portando ornamentos, vestimentas e cocares, adornados com preenchimentos de formas gráficas que contrastam com a simplicidade do perfil gráfico da Serra da Capivara (Figuras 7 e 8).

Existe uma multiplicação de elementos de detalhe, são representados muitos mais objetos, que fazem parte de cenas também mais complexas, tanto no número e diversidade de componentes como na multiplicação das relações entre as figuras. No plano morfológico observa-se uma escolha de formas gráficas de tipo retangular com seus vértices fortemente angulares. Este recurso se destaca quando se apresentam figuras humanas ou de outras espécies animais fora de um contexto dinâmico como no caso das cenas. No caso das figuras emblemáticas, as composições são análogas às do Estilo Serra da Capivara, mas com as características de maior complexidade, específicas do Estilo Serra Branca.



Figura 7: Sítio Toca do Arapuá do Gongo. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Banco de Imagens da Fumdham.



Figura 8: Sítio Toca do Morcego. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Banco de Imagens da Fumdham.

Na representação de cenas existe uma mudança temática, privilegiando-se o tema da agressão, tanto individual como coletiva. As cenas de luta entre dois grupos aparecem reiteradamente, com uma maior complexidade no uso do espaço.

Na Toca do João Arsená, por exemplo, pode observar-se a delimitação dos espaços da atividade de combate, que constitui a área nuclear da ação, outro espaço está destinado à representação de figuras que não participam da luta, mas levam uma série de objetos não necessariamente bélicos (Figura 9). Existe ainda um terceiro espaço em que as figuras humanas estão todas atingidas por flechas. Estes espaços constituem eixos oblíquos em torno dos quais as figuras estão dispostas em planos horizontais. Esta solução técnica da reprodução do espaço produz uma real impressão de profundidade. Neste caso, a gestualidade e as posturas das figuras são também diversificadas e a angularidade se limita aos vértices da figura corporal.



Figura 9: Sítio Toca do João Arsená. Parque nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Banco de Imagens da Fumdam.

As características desse estilo apresentam uma tendência cenográfica para o hermetismo estático das numerosas figuras ornamentadas e geometricamente enquadradas. Mas aparecem também nas cenas de violência, que são as que apresentam a maior narratividade e

complexidade temática. Essa primeira tendência ao hermetismo estático aparecerá mais concentrada em figuras de grande porte, no setor norte do Vale da Serra Branca. No setor sul existe uma maior concentração de cenas com mais características do Estilo Serra da Capivara, associadas a figuras com maior angularidade e de maior complexidade, próprias do Estilo Serra Branca.

Em face à grande complexidade e qualidade das pinturas rupestres que existem no Parque Nacional, concentradas nos sítios arqueológicos do *front de cuesta*, foi proposta uma terceira classe estilística da Tradição Nordeste designada como **Complexo Estilístico Serra Talhada**. Trata-se de uma classe residual que apresenta elementos de diversificação que dificultam o estabelecimento de padrões que identifiquem uma nova classe. É no interior desse complexo estilístico que se realizam as pesquisas atuais, procurando segregar a pluralidade de perfis gráficos. Atualmente também se desenvolvem atividades destinadas a concentrar as prospecções de sítios com pinturas ou gravuras na **Unidade 3 - Vales do Gongo e Veredão**, na zona norte do Parque Nacional Serra da Capivara, onde aparecem composições gráficas com perfis semelhantes aos existentes em outros setores da unidade de conservação.

A identificação de grafismos pertencentes inicialmente a esse complexo, que aparecem em todo o Parque Nacional apresenta algumas características próprias que as diferenciam dos dois principais estilos, sugerindo a possibilidade de outras identidades gráficas. Os **grafismos de contorno aberto**, inseridos inicialmente no Complexo estilístico Serra Talhada, ilustram essa possibilidade baseada nas pesquisas que permitiram estabelecer seu perfil gráfico (Figuras 10 e 11). São figuras antropomórficas e zoomorfas que apesar de possuírem certo dinamismo, não formam cenas e apresentam-se, geralmente, isoladas no painel.



Figura 10: Toca da Onça ou Estevo III. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Roberta Guimarães.



Figura 11: Toca do Boqueirão da Pedra Furada. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Foto: Banco de Imagens da Fumdham.

As características cenográficas permitem ao observador reconhecer a identidade da figura, mas ao mesmo tempo é implícito o caráter hermético da narrativa. No plano morfológico observa-se certa economia em relação à quantidade de traços que formam a figura. Esse recurso faz com que a figura não necessite do contorno total para seu reconhecimento. Porém, essa escolha gráfica não sugere um esboço de figura, mas sim uma figura finamente trabalhada, com preenchimentos internos e utilização de bicromias (Cisneiros, 2008; 2011).

Foram também evidenciadas figuras com as características de duas outras tradições de pinturas rupestres dentro do Parque Nacional, a Tradição Agreste (pinturas) e Tradição Itacoatiara (gravuras). Os grafismos que caracterizam a Tradição Agreste na Área Arqueológica da Serra da Capivara aparecem como intrusões isoladas. Nesses grafismos predominam as figuras não reconhecíveis, que apresentam uma morfologia muito diferente e diversificada. Existem também figuras reconhecíveis, principalmente antropomorfos, dispostos, na sua maioria, isolados nos painéis. Os grafismos que representam ações são raros e com poucas figuras envolvidas (Figura 12).

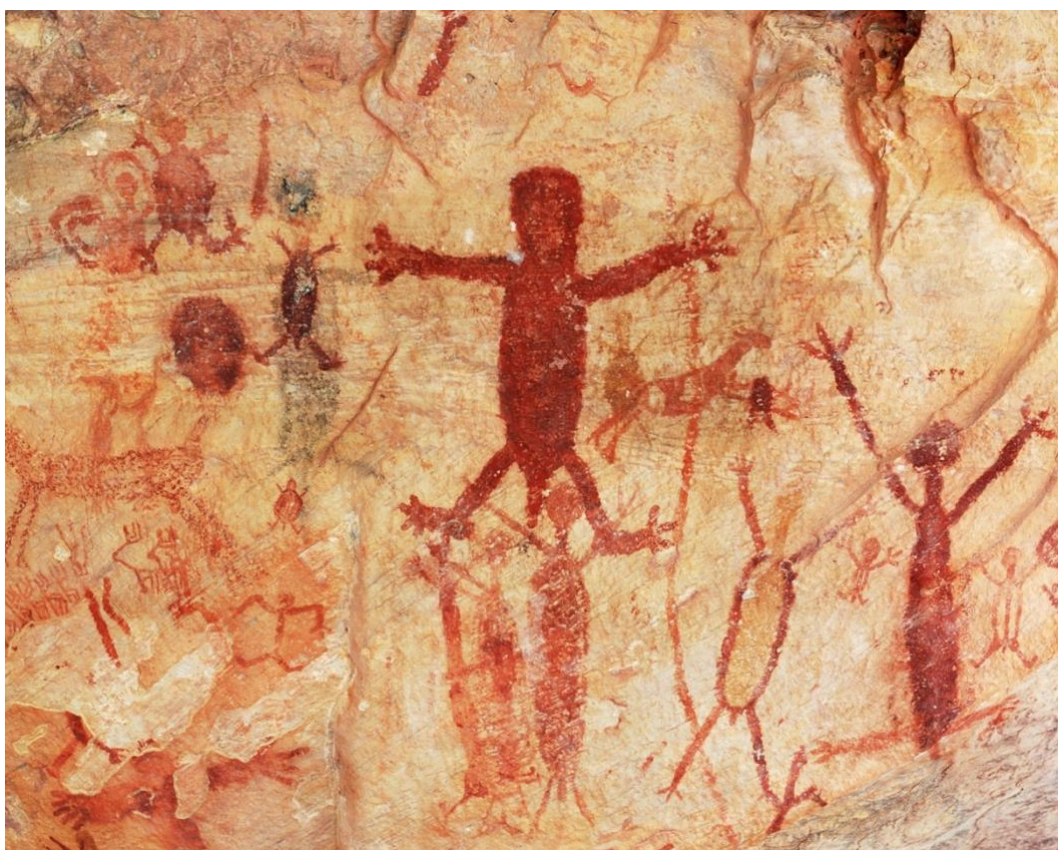


Figura 12: Sítio Toca da Extrema II. Foto: Banco de Imagens da Fumdham.

Na Tradição Itacoatiara todas as gravuras são em baixo relevo, tanto raspadas quanto picotadas. É possível identificar uma dominância de figuras desprovidas de traços de identificação reconhecíveis, em alguns sítios do Parque, porém, pode-se observar a presença de raras representações zoomorfas isoladas, em geral, lagartos (Figura 13).



Figura 13: Toca da Roça do Sítio do Brás I. Foto: Banco de Imagens da Fumdham.

Considerações Finais

Finalmente, queremos ressaltar que, neste texto, se tenta resumir os principais marcadores de um conjunto gráfico rupestre que já se aproxima de mil sítios registrados.

Consideramos que a identidade dos fatos humanos está profundamente relacionada com a territorialidade. As identidades sejam elas materiais ou imateriais, se desenvolvem em âmbitos territoriais determinados, como zonas de influência ou marcadores de domínio. Integrar os componentes básicos de identidade das diferentes classes de grafismos rupestres numa distribuição espacial permite estabelecer as áreas de presença de cada classe gráfica e sua posição nas vertentes tendo em consideração os divisores d'água.

As relações entre as variáveis geoambientais e os diferentes perfis gráficos presentes nos sítios arqueológicos com registros rupestres permitem levantar novas hipóteses explicativas a serem confrontadas com os resultados das novas técnicas de aproximação cronológica. A constatação

dessas relações é a linha de pesquisa que se desenvolve na atualidade no Parque Nacional Serra da Capivara.

Referências

CISNEIROS, D . (2008) Similaridades e Diferenças nas Pinturas Rupestres Pré-Históricas de Contorno Aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - Pi. *Clio. Série Arqueológica (UFPE)*, v. 24, p. 12-25.

CISNEIROS, D. (2011) Grafismos de Contorno Aberto no Parque Nacional Serra da Capivara PI. *Clio Arqueológica*, v. 26, p. 6-20.

GUIDON, N. (1991) *Peintures préhistoriques du Brésil. L'art rupestre du Piauí*. Paris,

GUIDON, N. (2007) Parque Nacional Serra da Capivara: sítios rupestres e problemática. *FUMDHAMentos*, v. V, p. 77-108 .

GUIDON, N.; PESSIS, A. M. (2007) Serra da Capivara National Park, Brazil: cultural heritage and society. *World Archaeology*, v. 39, p. 406-416,

MARTIN,G . (2008) *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 5ª. ed. Recife: Universitária da UFPE,. v. 1. 434p.

MARTIN,G. (2010) A onça e os orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres no Nordeste do Brasil. *CLIO. Série Arqueológica (UFPE)*, v. 25, p. 5-30.

MARTIN, G. PESSIS, A.M.; GUIDON, N. (2009) Pesquisas arqueológicas na região do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno. *FUMDHAMentos*, v. VIII, p. 02-62

MUTZENBERG, D.; CORRÊA, A.C.B.; TAVARES, B.A.C.; CISNEIROS, D. (2015) Serra da Capivara National Park: Ruinform Landscapes on the Parnaíba Cuesta. In: VIEIRA, B.C.; SALGADO, A.A.R.; SANTOS, L.J.C. (Eds.) *Landscapes and Landforms of Brazil*. Dordrecht, Springer.

PESSIS, A.M. (1992) Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. *CLIO – Série Arqueológica*, nº 8. Recife.

PESSIS, A.M. (2003) *Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara*. São Paulo, Fumdam/Petrobrás. 307p.

PESSIS, A.M.; CISNEIROS, D. MUTZENBERG, D. MEDEIROS, E. (2014) Modelos tridimensionais na análise de pinturas rupestres. In: Pessis, A.M. ; Martin, G.; Guidon, N. (Orgs.) Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-História da Região do Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. São Raimundo Nonato, A&A.

PESSIS, A.M.; GUIDON, N. (2009) Dating rock art paintings in Serra de Capivara National Park - Combined archaeometric techniques. *Adoranten*, v. 1, p. 49-59.

PESSIS, A.M.; GUIDON, N.; MARTIN, G. (2012a) L'Art Pléistocène dans le Monde. 1. ed. Tarascon-sur-Ariège: Société Préhistorique Ariège-Pyrénées, v. 1. 331p .

PESSIS, A.M.; GUIDON, N.; MARTIN, G. (2012b) World Heritage in poverty alleviation: Serra da Capivara National Park, Brazil. In: UNESCO Cambridge University. (Org.). *World Heritage Benefits Beyond Borders*. 1ed.Paris: UNESCO, v. 1, p. 301-311.